

**Cinema e ensino de história: abordagens possíveis em “Novembrada” (1998)***Cinema and History teaching: possible approaches in “Novembrada” (1998)*Valéria Machado<sup>1</sup>

**Resumo:** Tendo como base as manifestações populares ocorridas em 30 de novembro de 1979 na capital do estado de Santa Catarina, e, partindo da ideia do que é cinema e de como a História se apropria deste como campo de pesquisa e ferramenta pedagógica, este trabalho avalia as possibilidades de utilização da adaptação cinematográfica "Novembrada", de Eduardo Paredes, enquanto material didático e fonte histórica no ensino de História.

**Palavras-chave:** História; Cinema; Novembrada; Ensino de História.

**Abstract:** Based on the popular demonstrations that took place on November 30, 1979 in the capital of the state of Santa Catarina, and, starting from the idea of what is cinema and how history appropriates it as a field of research and a pedagogical tool, this work evaluates the possibilities of using the film adaptation "Novembrada", by Eduardo Paredes, as to be used as didactic material and historical source in the teaching of History.

**Keywords:** History; Cinema; Novembrada; History Teaching.

## Introdução

A utilização de filmes e vídeos em aulas de História já é algo bastante comum, e, embora esta seja uma ferramenta interessante e atrativa para os alunos, seu uso muitas vezes é feito de forma meramente ilustrativa e busca materializar um dado acontecimento histórico, partindo do pressuposto de que as imagens e a narrativa empregadas neste são reproduções fiéis do que aconteceu.

O objetivo deste trabalho é trazer algumas alternativas para as(os) professoras(es) de História quanto ao uso desse tipo de material em suas aulas e se propõe como uma espécie de ferramenta que auxilie e traga reflexões sobre questões de produções cinematográficas para o ensino, admitindo o filme tanto como um recurso didático audiovisual quanto como fonte histórica, pensando especificamente no curta *Novembrada*.

Como nosso enfoque temático é a História de Santa Catarina, escolhemos abordar o curta-metragem *Novembrada*, dirigido pelo cineasta catarinense Eduardo Paredes e lançado em 1998. A escolha deste filme se deu pelas seguintes questões: primeiro, porque se trata de um vídeo relativamente curto (cerca de 20 minutos de duração), o que permite que seja exibido em

---

1 Graduanda do Curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina, valeria.machado44@gmail.com. Este artigo foi proposto como trabalho final para a disciplina de História de Santa Catarina, ministrada pela Professora Doutora Roselane Neckel no Curso de Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Esta nota pode estar junta com a primeira, pois são informações complementares a respeito do trabalho.



aula de forma objetiva (ocupa pouco tempo da aula); segundo, porque traz um tema importante na História de Santa Catarina, sendo este episódio considerado um dos maiores movimentos de manifestação pública contra a ditadura militar no Brasil; e terceiro, porque devido aos fatos supracitados já é amplamente utilizado pelos professores como recurso didático nas aulas de História.

Ao longo deste trabalho procuramos discutir o que é cinema e seus usos a partir da História, buscando compreender como produções cinematográficas podem servir de base para pesquisa e para o ensino, saindo do campo da ilustração e tornando-se material de análise. Para isso, nos apoiamos em algumas discussões do livro *Cinema e História* (1992) do historiador Marc Ferro e nas definições de cinema do teórico cinematográfico Christian Metz, em *A significação do cinema* (1972). No que diz respeito ao uso do cinema nas aulas de História e suas implicações no ensino, nos baseamos em *Ensino de História: fundamentos e métodos*, de Circe Bittercourt (2011) e em Marcos Napolitano (2003), no seu clássico *Como usar o cinema na sala de aula*. Sobre a Novembrada, utilizamos artigos e trabalhos produzidos recentemente que tratam sobre o tema, ajudando-nos a problematizar algumas questões presentes e ausentes no filme de Paredes.

É importante ressaltar que o que fizemos não fora uma análise ou crítica cinematográfica mas levantamos uma série de questões que possam ser trabalhadas com (as)os alunas(os). O exercício que se busca fazer é crítico e reflexivo a fim de discutir questões como: devo usar este filme em minhas aulas? Se sim, como usá-lo? Quais questões posso abordar a partir dele? Assim, num tom de construção conjunta com vários autores esperamos contribuir para repensar *Novembrada*.

### ***Novembrada e seus usos em sala de aula***

Foi a partir dos anos 1970 com as contribuições da escola dos *Annales*, sobretudo de Marc Ferro, que os historiadores começaram a admitir o *status* de documento para produções cinematográficas. Empregando o uso de técnicas e metodologias específicas de análise o filme passou a integrar o conjunto de fontes históricas que mostram as representações e visões de mundo num determinado tempo e espaço, observados e registrados por determinados indivíduos. Assim, o filme é visto como produto de seu próprio tempo e embora várias produções apresentem “erros históricos” e anacronismos ainda assim podem ser utilizadas tanto na pesquisa quanto no ensino.



Na educação básica o uso de cinema já era tema de discussões entre professores desde a segunda década do século XX. Segundo Circe Bittencourt, Jonathas Serrano – então professor do renomado Colégio Pedro II – já atentava para as possibilidades de uso de filmes no ensino, inclusive incentivava seus colegas, para ele, “graças ao cinematógrafo, as ressurreições históricas não são mais uma utopia”<sup>2</sup>. A fala de Serrano é de 1912, porém, se observarmos a maneira como filmes e produções audiovisuais ainda são utilizados por professores nas aulas de História perceberemos que essa ideia do cinema como reprodução fiel do passado ainda está em pleno vigor.

O que buscamos aqui, a partir do evento da Novembrada e seu curta-metragem homônimo, é justamente perceber que apesar de baseado em fatos reais o filme por si só (sua natureza, seus recursos) já é uma reconstrução daquilo que aconteceu, sua narrativa, as imagens, as falas e o enredo fazem parte de escolhas e opções feitas pelo diretor. Tudo passa pela manipulação humana, pela releitura e apropriação do evento histórico em si. Isso significa então que é melhor o (a) professor (a) dispensar o trabalho com o filme e se ater aos documentos escritos sobre o tema da Novembrada? Na verdade não existe uma resposta negativa ou positiva para esta questão, até porque os documentos escritos também não são neutros e passam pelo mesmo tipo de processo, porém, nossa ideia é debater, problematizar e mostrar por que este filme deve sim ser incorporado às aulas de História de Santa Catarina.

Marcos Napolitano nos traz um argumento bastante contundente na defesa do uso de produções fílmicas na escola, segundo ele

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e “difíceis”, os filmes tem sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar<sup>3</sup>.

Para o autor, a grande questão é o uso que o(a) professor(a) fará e de que forma o filme será trabalhado, de que maneira será inserido na dinâmica das aulas, qual a familiaridade que os alunos têm com o gênero fílmico, tudo isso deve servir como critério para que este possa avaliar as possibilidades do uso desse tipo de recurso em sala de aula.

---

2 BITTENCOURT, Circe M. Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 4º ed. São Paulo: Cortez, 2011. III Parte - Capítulo 2: Usos Didáticos de Documentos, p. 371.

3 NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 11-12.



Um dos maiores cuidados - como já citado - que se deve tomar na utilização de filmes para abordar certo conteúdo é o de ter em mente que este é a reconstrução - a partir do campo artístico e ficcional - de um acontecimento, seja ele baseado no verídico ou no inventado e fantasioso. Este talvez seja o ponto mais crítico ao abordar o curta *Novembrada*. O filme se utiliza de uma narração jornalística que mistura elementos da ficção e do gênero documentário e pode ser encarado pelos olhares menos atentos como reconstrução fidedigna do que ocorreu em Florianópolis. Segundo Christian Metz, o maior problema encontrado pela teoria do cinema é a questão da impressão da realidade<sup>4</sup>. Para Metz, o filme passa ao espectador a sensação de estarmos tendo acesso direto ao fato, ou seja, o espetáculo filmico se torna quase real, e

[...] desencadeia no espectador um processo ao tempo perceptivo e afetivo de “participação” (não nos entediamos quase nunca no cinema), conquista de imediato uma espécie de credibilidade - não total, é claro, mas mais forte do que em outras áreas, às vezes muito viva no absoluto -, encontra o meio de se dirigir à gente no tom da evidência, como que usando o convincente “*É assim*”, alcança sem dificuldade um tipo de enunciado que o linguista qualificaria de plenamente afirmativo e que, além do mais, consegue ser levado em geral a sério<sup>5</sup>.

A ideia de Metz é crucial em para pensarmos *Novembrada*. É esse tipo de laço existente entre o fato narrado e a narrativa que deve ser cuidadosamente abordada pelo(a) professor(a). Embora o autor se refira a qualquer filme, no nosso caso específico as relações entre espectador e obra são ainda mais tênues, pois existe uma significação do acontecimento *Novembrada* dentro da memória local, memória esta que vai de encontro ao argumento do curta-metragem: a heroicização do povo em oposição à figura antagônica de João Baptista Figueiredo, a famosa luta entre o bem e o mal. São dois os principais acontecimentos no curta que ajudam a fortalecer essa visão entre vilão e mocinho. O primeiro, que particulariza a cidade de Florianópolis, foi a placa que o presidente militar mandou colocar na Praça XV em homenagem a Floriano Peixoto, figura odiada pelos moradores da cidade<sup>6</sup>. O segundo se refere ao gesto de baixo calão que Figueiredo teria proferido da sacada do palácio Cruz e Souza ao povo. É a partir daí que as manifestações tomam seu ápice e geram todo o caos. Esse tipo de análise do estopim a partir de

4 METZ, Christian; BERNARDET, Jean-Claude. **A significação no cinema**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 16.

5 METZ, Idem, p. 16-17.

6 Floriano Peixoto (militar, primeiro vice-presidente e segundo presidente do Brasil) foi responsável por ordenar o assassinato de centenas de opositores na Ilha de Anhatomirim, em Florianópolis em 1894, sendo o nome da antiga Desterro alterado para Florianópolis, em homenagem ao ditador.



um gesto grosseiro<sup>7</sup> não exclui totalmente o contexto político e social por trás dos atos dos civis, mas de certa forma direciona o olhar do espectador para este detalhe e secundariza o contexto. Seria interessante pensar com os alunos a seguinte questão: se Figueiredo não tivesse feito tal gesto as manifestações teriam tido o mesmo fim?

Entremos agora no contexto de nosso filme. O curta-metragem *Novembrada* é uma produção do jornalista e diretor catarinense Eduardo Paredes (também dirigiu *Desterro* em 1992, sobre a Revolução Federalista) que tenta reconstituir os acontecimentos relacionados à visita do então presidente do regime militar João Baptista Figueiredo à Florianópolis em 30 de novembro de 1979. A produção teve boa recepção do público e da crítica, sendo vencedora dos prêmios de Melhor Direção de Arte, Melhor Filme pelo Júri Popular e Prêmio Canal Brasil, ambos na edição de 1998 do Festival de Cinema de Gramado. O filme tem cerca de 20 minutos (incluindo créditos finais), foi filmado em 1997 no mesmo local onde aconteceram as manifestações de 1979 e conta com a atuação do ator Lima Duarte no papel do General Figueiredo<sup>8</sup>. Os dados que estabelecem a contextualização do filme enquanto produto são fundamentais para sua análise pois fazem parte da leitura daquilo que “não é filme” segundo Marc Ferro, ou seja, é todo o contexto que possibilita sua criação e realização e que não pode ser acessado apenas a partir das imagens apresentadas, nas palavras do próprio autor:

[...] não seria suficiente empreender a análise dos filmes, de trechos de filmes, de planos, de temas, levando em conta, segundo a necessidade, o saber e a abordagem das diferentes ciências humanas. É preciso aplicar esses métodos a cada um dos substratos do filme (imagens, imagens sonorizadas, não sonorizadas), às relações entre os componentes desses substratos; analisar no filme tanto a narrativa quanto o cenário, a escritura, as relações do filme com aquilo que não é filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime de governo. Só assim se pode chegar à compreensão não apenas da obra, mas também da realidade que ela representa<sup>9</sup>.

Por isso, é importante que o(a) professor(a) consiga contextualizar os eventos de 30 de novembro de 1979 e mostrar - a partir de uma visão histórica - todo o espectro nacional do qual a Novembrada fez parte, seu antes, durante e depois. É fundamental falar, por exemplo, sobre a instituição a Lei de Anistia, que permitia a volta de exilados para o país (exceto aqueles acusados de atos terroristas) e anistiamiento para membros do regime que cometeram algum crime (torturas, desaparecimentos, assassinatos). O Brasil entrava num clima de abertura política e

7 João Figueiredo teria feito um sinal com os dedos que remetia ao fato de serem poucas as pessoas contrárias a ele, mas a população entendeu como sendo o famoso gesto “vão tomar no c\*”.

8 Informações técnicas disponíveis em <http://portacurtas.org.br/filme/?name=novembrada> Acesso 7 nov. 2017.

9 FERRO, Marc. **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 87.



Figueiredo logo ficou conhecido como “o reconciliador”. A visita do então presidente fazia parte de uma estratégia política que previa sua popularização entre os brasileiros, sobretudo na classe trabalhadora, isso justifica, por exemplo, seus gestos de beijar crianças, descer entre a multidão. No entanto, tais estratégias não foram suficientes para que sua visita ao estado fosse bem querida por grande parcela da população de Florianópolis, que ainda sentia os efeitos da violência ocasionada pela Operação Barriga Verde em 1975<sup>10</sup> e da grande insatisfação com relação à economia que fez subir o preço do combustível (o que explica a forte participação dos taxistas nas manifestações) e de gêneros alimentícios.

É interessante chamarmos a atenção para o recorte de gênero com o qual o(a) professor(a) pode trabalhar neste ponto. Na cena em que Figueiredo passa em um carro pelas ruas da capital, várias mulheres da classe popular aparecem batendo em panelas protestando justamente contra o aumento do preço dos alimentos. A ideia de serem mulheres as principais personagens está intrinsecamente ligada à divisão do trabalho, no qual o homem deve ocupar o público e a mulher o privado. Este é um pensamento que Jules Michelet já expressava em sua *História da Revolução Francesa* (1998), onde o fato da mulher ser a responsável pelo preparo dos alimentos e pelos cuidados da família (numa sociedade normativa e conservadora, o caso da França no século XVIII e Florianópolis em 1979) tornava-a mais atuante e combativas em momentos de alta dos alimentos ou falta destes<sup>11</sup>.

Um detalhe importante que deve ser levado em conta é o fator tempo. O curta fora produzido quase vinte anos depois da Novembrada, dentro de um contexto político completamente diferente do de 1979, no momento em que o Brasil era um país democrático e já havia uma apropriação dos atos da Novembrada como marca da ação popular em prol de seus direitos e pelo fim do Regime Militar. Nesse sentido, o documentário mostra seu teor memorialístico, evocando um fato do passado através de uma narrativa que desemboca na no “ato triunfal” do evento, conhecido como o pontapé inicial de uma série de manifestações pelo fim da ditadura no Brasil.

Outro ponto interessante ainda sobre a conjuntura, é que o filme foi feito num ano em que a economia brasileira encarava os primeiros sinais da crise durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, como a alta na inflação e o desastre do plano real, despontando na desvalorização da moeda nacional. Ainda nesse contexto temos as eleições presidenciais, que

---

10 A operação Barriga Verde foi uma operação de perseguição política que prendeu e torturou cerca de 42 militantes (estudante, em sua maioria) da esquerda em 1975.

11 MICHELET, Jules. **História da revolução francesa**: da queda da bastilha à festa da federação. São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1998, pp. 250-251.



levaram a reeleição de FHC em disputa com Luiz Inácio Lula da Silva. Ambos tinham alianças políticas e defendiam grupos completamente diferentes, a oposição entre o discurso de benefício da elite e da direita (FHC) e as políticas sociais e assistencialista para camadas mais populares (Lula). Não queremos criar aqui uma comparação entre o regime de Figueiredo e as políticas de Fernando Henrique, mas é interessante suscitar tais informações, pois ajudam a compreender o filme em suas questões materiais (de onde vem, como surge, em que contexto está inserido). Inclusive, houve um pedido para que Eduardo Paredes só lançasse seu filme depois do fim das eleições presidenciais, a fim de evitar analogias entre as propostas políticas dos candidatos e as ocorrências da Novembrada<sup>12</sup>. Essas informações são de suma importância, partindo da ideia de que o filme ocupa seu lugar político dentro da sociedade e que sua ação enquanto um meio divulgador de ideias - apesar de dificilmente quantificado - exerce influência sobre seu público, como já percebera Marc Ferro<sup>13</sup>.

O filme começa com fotografias do período da ditadura e mostra, de um lado, atos de manifestação popular contra o regime, e do outro, cenas de seus generais autoritários e das forças militares. É interessante perceber que a primeira cena mostra a redação de um jornal, em seguida uma mesa de reunião onde políticos e chefes de segurança discutem as operações para a chegada e estadia de Figueiredo, e a terceira sequência mostra um grupo de estudantes preparando panfletos e faixas para as manifestações de “recepção” ao então presidente. Algo extremamente curioso é que na sequência de filmagens na sala de reuniões dos políticos não é possível ouvir suas falas, enquanto na redação do jornal e da sala dos estudantes conseguimos ouvir suas vozes. Numa leitura mais simbólica, podemos arriscar dizer que a voz daqueles que apoiavam a ditadura (os políticos na sala) são silenciadas e dão lugar a aquelas que militaram pelo seu fim (jornalistas e estudantes). Numa sequência simultânea de cenas que continuam a mesma lógica: redação, políticos e estudantes, é possível perceber que nos diálogos (agora sim) trocados entre os organizadores da recepção do presidente são descartadas quaisquer chances de imprevistos negativos.

Segundo Lúcio Flávio Giovanella (2010), um dos estudantes que participaram do ato contra João Figueiredo, o filme de Paredes é construído

a partir de quatro lugares sociais: os estudantes, os jornalistas, a população de Florianópolis, pelo lado da sociedade civil; e do lado do estado ditatorial e

---

12 SILVEIRA, Paola Vieira da. **Novembrada, a Revolta Catarinense contra a ditadura**: impressões do momento as interpretações posteriores. 2013. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2013, p. 39.

13 FERRO, Idem, p. 15.



seus colaboracionistas, a posição-sujeito político personificada pelos personagens do governador, policiais militares e presidente. Ou seja, primeiramente são caracterizados os estudantes que organizaram as manifestações. Em seguida aparecem os jornalistas do jornal local que faziam a cobertura da visita do general. Em terceiro lugar, vemos a população da cidade de Florianópolis, que participou do evento da 52 Novembrada e dos atos posteriores pela libertação dos estudantes. Finalmente, é caracterizado o quarto lugar social, que é do general João Figueiredo e seus correligionários<sup>14</sup>.

Embora o filme se constitua a partir de quatro lugares de fala, é interessante perceber que é a voz do jornalista que prevalece na narrativa, ou seja, assim como observa Lúcio Giovanella (2010), a constituição dos fatos a partir do olhar jornalístico dá ao curta um teor de veracidade, ou melhor, ele mistura elementos da ficção e combina com o real, criando uma produção que mais parece uma reconstituição documentária dos acontecimentos de 30 de novembro. Nesse ponto, o(a) professor(a) pode explorar com seus(as) alunos(as) questões ligadas à própria natureza do filme enquanto reconstrução da “realidade com base em uma linguagem própria, produzida em determinado contexto histórico”<sup>15</sup>. A fala do jornalista, além de trazer essa dualidade entre o real e a ficção, pode ser resultado da própria posição de Eduardo Paredes enquanto profissional da área, uma forma de mostrar como o período pós 1979, com o início da abertura política, a Lei da Anistia e o fim dos Atos institucionais deu voz à imprensa que por anos manteve-se quase silenciada. Aqui é interessante para o(a) professor(a) trabalhar com a ideia da censura, o início da abertura política e como isso é trabalhado em *Novembrada*.

Eduardo Paredes e sua equipe conseguem explorar bem duas questões que consideramos muito importantes: a participação tanto dos estudantes quanto da população em apoio às manifestações e ao desgaste do regime em si. É interessante pensar junto aos(as) alunos(as) as diferentes teorias sobre o fim do regime militar, que de um lado credita as fortes manifestações populares pelo fim da ditadura e do outro pelo autoflagelo e insustentabilidade desta pelo conjunto de políticas mal sucedidas. É interessante perceber como Paredes trabalha com a ideia de junção entre as duas teorias e como uma vai em direção a outra. Segundo a narrativa (e os fatos reais narrados) existe uma forte crise econômica que atinge diretamente a classe trabalhadora, que em contrapartida, sai em defesa de seus direitos.

Uma crítica a se fazer ao filme é a quase ausência da figura de Jorge Bornhausen (talvez porque ainda tivesse bastante influência política na década de 1990, o que também pode ser trabalhado com os alunos) - então governador do estado de Santa Catarina e anfitrião de

---

14 GIOVANELLA, Lúcio Flávio. **Cruz e Souza, o poeta do Desterro**: uma análise discursiva. Dissertação de mestrado, Unisul: Palhoça, 2010. p. 80.

15 BITTENCOURT, Op. Cit., p. 373.



Figueiredo no estado - ou pelo menos, à sua ausência/presença. Nesse ponto seria interessante trabalhar com os alunos o apoio que o então General recebeu do governador do estado de Santa Catarina, e, embora os atos da Novembrada não estivessem focados no governador, sua figura (ligado ao ARENA, posteriormente ao PDS) política e de apoio ao regime foi fundamental para a visita do presidente, além disso, um dos interesses de Bornhausen era a disponibilização de verbas para a construção da Sidersul, siderúrgica que seria construída na cidade de Imbituba<sup>16</sup>, litoral sul do estado.

Um dos maiores enfoques do filme é, sem dúvidas, a participação dos estudantes. A organização que eles fizeram demonstra a reestruturação de certas instituições políticas que aos poucos voltavam a se rearticular de forma mais organizada, embora ainda houvesse uma série de repressões, como explica Lídia Bristot,

[...] entre as normas impostas pela Universidade [Federal de Santa Catarina] constavam um artigo específico que dizia “Aos Diretórios é vedado realizar qualquer ação, manifestação ou propagação de caráter político – partidário, racial, ou religioso, bem como incitar, promover ou apoiar ausências coletivas aos trabalhos escolares.” No entanto, os estudantes buscavam as possibilidades possíveis para se desenvolver e atuar politicamente mesmo em um ambiente desfavorável, fazendo com que o cotidiano universitário tivesse contestação, política e cultura<sup>17</sup>.

O diretor é perspicaz em pontuar a fundamental participação dos estudantes, e além disso, mostrar como as mulheres estavam inseridas nesse movimento e eram participantes assíduas, embora muitas vezes reprimidas, nesses espaços. Por isso, é importante perceber a questão de gênero, tanto na Novembrada quanto no filme. É interessante pensar sobre as formas de atuação das mulheres da classe popular pelo pannelaço, e das intelectuais ligadas à academia por meio de vias políticas institucionais e da ação estudantil. Este é um enfoque que o(a) professor(a) pode utilizar para trabalhar em sala, assim como o movimento estudantil, a participação popular, as influências políticas no governo de Santa Catarina, o papel da imprensa, são várias as possibilidades e alternativas para pensar a partir de *Novembrada*.

Algo curioso é que a maioria dos trabalhos sobre a novembrada utilizados para a elaboração deste artigo muitos autores questionam a prisão dos estudantes Adolfo Luiz Dias (então Presidente do Diretório Central dos Estudantes da UFSC), Lígia Giovanella (vice-presidente do DCE Dias), Amilton Alexandre, Geraldo Barbosa, Marize Lippel e Newton

16 IERI, Maurício. Sinais de decadência: a derrota do regime militar na Novembrada. **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis, v. 2, n. 5, jun. 2012, p. 14.

17 BRISTOT, Lidia Schneider. **Mulheres no Movimento Estudantil de Florianópolis (1975-1979)**. 2014. 82 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014, p. 50.



Vasconcelos Junior, pois segundo testemunhas estes teriam tentado conter o povo nas depredações e xingamentos direcionados a João Figueiredo, por isso, trabalham com a tese de que as prisões foram arbitrárias e resultado de uma manipulação política a fim de continuar com seus meios de censura e de desestabilização do movimento estudantil.

São inúmeros os pontos que podem ser abordados referentes à *Novembrada* de Eduardo Paredes. Poderíamos passar páginas e páginas discutindo cada cena, cada detalhe, mas focamos aqui em apenas alguns aspectos que esperamos servir de pistas para que professoras e professores de História possam explorar em suas aulas. Do mesmo modo que fomos seletivos em escolher determinados pontos, o trabalho dos(as) professores(as) também pode ser norteado pela escolha de apenas alguns pontos, como o papel das mulheres, a importância da imprensa, a participação popular, o apoio militar do governo catarinense, o movimento estudantil universitário. O que fizemos aqui foi mostrar como este filme, com seus equívocos e exageros pode ser uma ótima ferramenta didática sobre o declínio do regime militar e é passível de dezenas de leituras e releituras, advindas da experiência e da prática no ensino de História.

### **Considerações finais**

A partir deste trabalho pudemos perceber as formas com que certos acontecimentos históricos são apropriados pelo cinema e reproduzidos a partir de um campo de visão e com uma finalidade de atingir o público. Tratando-se de um tipo de arte e de expressão do autor, o cinema possibilita tais liberdades de criação e permite a junção de elementos da realidade e do sonho, do possível e do impossível, do verossímil e do inventado, fazendo com que este não seja necessariamente uma leitura de mundo mas uma leitura de mundo a partir do olhar de um indivíduo: o seu criador. Quando o(a) professor(a) de História opta por utilizar este recurso em sala é extremamente importante discutir com os(as) alunos(as) o que é um filme e sua natureza, pois isso faz com que este saia do campo ilustrativo e sirva como importante ferramenta de discussão pedagógica, analisado dentro de uma gama de fatores (fílmicos e não fílmicos) que facilitam a compreensão de uma série de símbolos que perpassam as imagens e a narrativa.

O uso do curta-metragem *Novembrada* é uma ferramenta interessante de ser utilizada em sala de aula, pois expressa um olhar datado sobre os acontecimentos de novembro de 1979. Conseguir utilizar tal recurso nas aulas de História se torna algo mais interessante de ser trabalhado com os(as) alunos(as), a partir desse tipo de material e de reflexões acerca dele é possível desenvolver um senso crítico e uma consciência histórica sobre a forma com que

determinados acontecimentos do passado são reinterpretados e representados e qual a importância disso para o presente.

## Referências

BITTENCOURT, Circe M. Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 4º ed. São Paulo: Cortez, 2011. III Parte - Capítulo 2: Usos Didáticos de Documentos, pp. 327-350.

BRISTOT, Lidia Schneider. **Mulheres no Movimento Estudantil de Florianópolis (1975-1979)**. 2014. 82 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

FERRO, Marc. **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GIOVANELLA, Lúcio Flávio. **Cruz e Souza, o poeta do Desterro: uma análise discursiva**. Dissertação de mestrado, Unisul: Palhoça, 2010.

IERI, Maurício. **Sinais de decadência: a derrota do regime militar na Novembrada**. Revista Santa Catarina em História, Florianópolis, v. 2, n. 5, p. 9-19, jun. 2012.

METZ, Christian; BERNARDET, Jean-Claude. **A significação no cinema**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVEIRA, Paola Vieira da. **Novembrada, a Revolta Catarinense contra a ditadura: impressões do momento as interpretações posteriores**. 2013. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2013.

---

Recebido em 10 de dezembro de 2017.

Aceito para publicação em 19 de fevereiro de 2019.

